

O território íntimo de Divina Gonçalves Assunção e a construção afrofabulatória do seu retrato¹

Ana Terra Curado da Rocha²

Ana Rita Vidica³

Universidade Federal de Goiás – UFG

Resumo

Este texto é escrito a partir das memórias e história de vida de Divina Gonçalves Assunção, a tia Dina. Ela é uma mulher negra e doceira na cidade de Goiás. Uma das autoras deste texto, Ana Terra, fotógrafa e sobrinha dela, faz dois encontros para vivenciar esta escuta. No primeiro, há a percepção da ausência de fotografias dela, sendo este o momento em que são produzidos os primeiros dois retratos. No segundo, um retrato afro-fabulado é produzido. Parte-se do relato destes dois encontros para friccionar com os conceitos de fotografia íntima à criação do termo território íntimo e o de afro-fabulação, que dá o tom a produção do terceiro retrato.

Palavra-chave: tia Dina; fotografia; retrato; território íntimo; afro-fabulação.

Introdução

Divina Gonçalves Assunção é uma mulher negra e doceira na cidade de Goiás (GO). Junto com Silvia da Silva Curado, sua mãe de criação, produz, há mais de 50 anos o alfenim, um doce árabe que chegou ao Brasil no estado da Bahia e de Goiás a partir da colonização portuguesa.

O alfenim é feito a partir de açúcar, água, polvilho doce e limão, sendo que o ponto do melado ideal é o primeiro passo necessário para que a receita seja finalizada com sucesso. Posteriormente a essa etapa, o polvilho é adicionado ao melado ainda quente e moldado à mão por Silvia, juntamente com o auxílio de uma tesourinha de costura ou formas de silicone.

Divina, aos 19 anos, foi a única filha que se interessou no aprendizado da produção dos alfenins, tornando-se assim o melado sua especialidade. Ao longo dos anos, ela desenvolveu técnicas próprias para alcançar o melado ideal. Ela entende que aprender

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: ana_terra@discente.ufg.br

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: ana_rita_vidica@ufg.br.

a fazer o melado de forma perfeita na produção dos alfenins foi o marco inicial de sua carreira como doceira. Sem o melado de Divina, Silvia não consegue moldar os alfenins.

Divina nasceu dia 26 de julho de 1952, em Santa Rita do Novo Destino (GO). Filha de Angelina e Joaquim, que eram caseiros da Fazenda São Carlos, onde moravam juntamente com seus irmãos. Aos nove anos de idade, ela perdeu sua mãe biológica e suas irmãs gêmeas após uma complicação no parto, o que mudou o direcionamento de sua vida. Ela foi adotada por Silvia e Amur, quando tinha 11 anos de idade, e foi morar com eles na cidade de Goiás (GO).

Durante essa mudança, Divina não teve tempo para acessar suas fotografias e outros objetos, o que fez com que ela não tivesse seu acervo de imagens reveladas ou impressas. Assim como seus antepassados, pessoas escravizadas, também não tiveram seus retratos produzidos ou quando foram feitos, seus nomes não faziam parte da descrição da imagem. No caso, sua família de origem humilde não tinha acesso a câmeras fotográficas, sendo as poucas imagens que possuíam guardadas, presentes de seus conhecidos.

A partir desta ausência de imagens físicas dela, eu⁴, Ana Terra, fotógrafa e sobrinha de Divina, ou melhor, tia Dina, sugeri a construção de seu retrato. Para isso, sigo a sua narrativa como maneira de acessar suas lembranças, em um ir e vir de afeto e afetamento (Favret-Sadaa, 2005), sendo este seu acervo imagético de memórias e imaginários sobre sua vida.

Este texto parte do relato de dois encontros⁵ com tia Dina. O primeiro realizado em junho de 2021 na cidade de Goiás, onde fiz uma conversa com ela para saber os detalhes de sua vida e tirei dois retratos. O segundo encontro foi no município de Britânia (GO), à beira do Rio Araguaia, onde realizamos o terceiro retrato, em julho de 2022. A partir dos relatos, propõe-se pensar a partir da questão “Como é possível acessar o território íntimo de tia Dina na construção de um retrato afro-fabulatório pela constatação da ausência de suas fotografias?”. Com a descrição dos relatos, a apresentação dos retratos feitos, eles são friccionados aos conceitos de fotografia íntima de Charlotte Cotton (2010),

⁴ A partir deste momento do texto, a escrita será feita em primeira pessoa ao fazer referência à história e ao processo de construção do retrato de Divina, que passa a ser chamada de tia Dina. Em outros momentos, me junto a outra autora do texto para refletirmos sobre o mesmo.

⁵ Estes encontros foram realizados dentro da dissertação de mestrado de Ana Terra Curado Rocha e orientado por Ana Rita Vidica, cuja pretensão era refletir sobre o corpo de quatro doceiras da cidade de Goiás, dentre elas, Silvia e Divina, como comunicantes de saberes, acessados por suas histórias de vida e fotografias.

gerando o termo território íntimo (Rocha, 2015) e afro-fabulação de Tavia Nyong'o (2018), dando a construir um retrato imaginado por tia Dina.

Um dos pontos centrais no desenvolvimento de fotografias de retrato é o afeto, no qual o conceito da antropóloga Favret-Saada (2005) apresenta o melhor sentido da palavra: “afeto” compreendido como um verbo de ação “afetar” em suas variadas formas, reforçando que o pesquisador afeta e é afetado pelo sujeito durante sua pesquisa e observação etnográfica, como o próprio atravessamento que existe nas relações interpessoais e vivências com diferentes culturas.

Aqui, o atravessamento acontece entre fotógrafa/sobrinha e fotografada/tia. Ao ouvir Divina expondo sua narrativa, há um grau de intimidade profundo, onde ela permitiu que eu a acessasse, implicando no conceito de território íntimo (Rocha, 2015). Sobre a relação sujeito/objeto, as autoras bell hooks (1989) e Grada Kilomba (2019) apresentam que o sujeito é diferente de objeto, sendo considerado que sua narrativa é um ato político, e que desse modo as pesquisas são construídas em conjunto com as pessoas estudadas, assim como a afro-fabulação de tia Dina aqui desenvolvida.

Encontro 1 e a construção de duas fotografias

Em nosso primeiro encontro, decidi conversar com a tia Dina na varanda de sua casa, lugar onde ela mais gosta de ficar. Sentamos de frente uma para outra, ela sentada em uma cadeira de balanço feita de fios de plástico azul e eu em um banquinho de madeira. Ela perguntou se precisava arrumar o cabelo ou passar alguma maquiagem para ser fotografada. Respondi que ela deveria estar o mais à vontade possível, já que a fotografia registra muito bem o desconforto das pessoas nas imagens.

Já com a câmera em mãos, liguei o gravador de voz e comecei fazendo as perguntas da entrevista semiestruturada: o lugar onde tinha nascido, data, como tinha sido sua infância, adolescência, vida adulta e quando teve o primeiro contato com fotografias e com a produção doceira. Esse era o norte inicial para que ela pudesse desenvolver sua narrativa, tentando seguir uma certa cronologia, mas que ao longo das horas já se misturava entre passado, presente e futuro. Conforme percebi que ela estava trazendo suas narrativas com fluidez, achei que seria o momento de começar a fotografá-la. Porém, ela mudava de expressão sempre que eu levantava a câmera.

Mesmo com todo o cuidado, tia Dina ainda parecia estar incomodada quando eu levantava a câmera em sua direção. Seu olhar de desconforto foi registrado por mim intencionalmente na imagem 1, onde ela aparece com as sobrancelhas franzidas, o olhar assustado e a boca e o pescoço contraídos. Após essa fotografia, percebi que talvez fosse necessário utilizar algumas técnicas que auxiliam em relaxar as expressões do rosto. Ao escutar parte de sua história e conhecê-la intimamente, sabia que passar confiança sobre como conseguiria fotografá-la seria um processo.

Quando se trata da fotografia de retrato, por ser uma produção de imagens que refletem o olhar do fotografado, normalmente buscamos uma expressão mais serena, um olhar que demonstra o conforto da pessoa em relação a estar sendo registrada. Uma das maneiras para alcançar esse olhar calmo, é normalmente orientar a pessoa para que feche seus olhos e abra-os somente quando pedirmos, sendo esse o instante que iremos clicar e registrar os olhos abertos e tranquilos.

Ao pedir para que minha tia fechasse os olhos, decidi fotografá-la com eles ainda fechados (imagem 2), por perceber que com aquele movimento seu rosto apresentava maior serenidade. Com isso, pedi para que ela me contasse suas histórias ainda de olhos fechados, para que dessa forma pudesse se concentrar nas imagens de sua memória sem a pressão de ficar sendo observada com uma lente apontando para seu rosto. Sem olhar diretamente para a câmera, ela pareceu mais confortável com a situação, e assim prossegui com a entrevista deixando fluir suas narrativas e com a escuta atenta.

Imagens 1 e 2. Divina Gonçalves Assunção, cidade de Goiás - GO, dia 22 de junho de 2021.



Fonte: acervo pessoal de uma das autoras do texto.

Antes de realizar a imagem 1, perguntei sobre onde estava seu acervo fotográfico, e ela contou sobre não ter fotos de sua infância e adolescência. Esta falta de imagens físicas dialoga com o conceito de Barthes (2007) sobre o vazio. Para ele, este vazio não representava uma ausência, mas sim uma miragem ou ficção, fazendo referência ao imaginário, sendo considerada uma forma de movimento das ideias. Então, ao acessar suas memórias, acessei histórias que estavam vivas e em movimento, imagens mentais que retratavam sua infância na fazenda juntamente com seus pais e irmãos, sua adolescência e vida adulta na cidade de Goiás.

Ao me contar suas lembranças, tiveram momentos em que se emocionou, como quando falou sobre a perda de sua mãe e suas irmãs, de forma traumática e inesperada, tanto pelo acontecimento quanto por sua idade na época. Chorei com ela e parei de gravar o áudio, a abracei e perguntei se ela queria parar a entrevista, dando a liberdade de escolha sobre expor ou não sua vida e sua intimidade, procurando acolher e entender a sua dor em profundidade de sentimentos ali envolvidos. Ela pediu um tempo para respirar e disse que queria continuar me contando sobre sua vida.

Então, na Imagem 2, quando peço para que tia Dina feche seus olhos e narre suas memórias, é como se a partir de um movimento de olhos fosse possível que ela acessasse seu acervo imagético mental. Ela entrou em contato com suas memórias e seu imaginário, sendo assim um movimento de olhar para dentro de si, como um olhar introspectivo. Nesse primeiro dia de entrevista, me senti motivada pela ausência do acervo físico imagético de tia Dina, o que fez com que eu perguntasse se ela gostaria de construir uma fotografia comigo que a representasse. A partir dessa conversa, decidimos fazer nosso segundo encontro.

Encontro 2 e a construção de um retrato afro-fabulatório

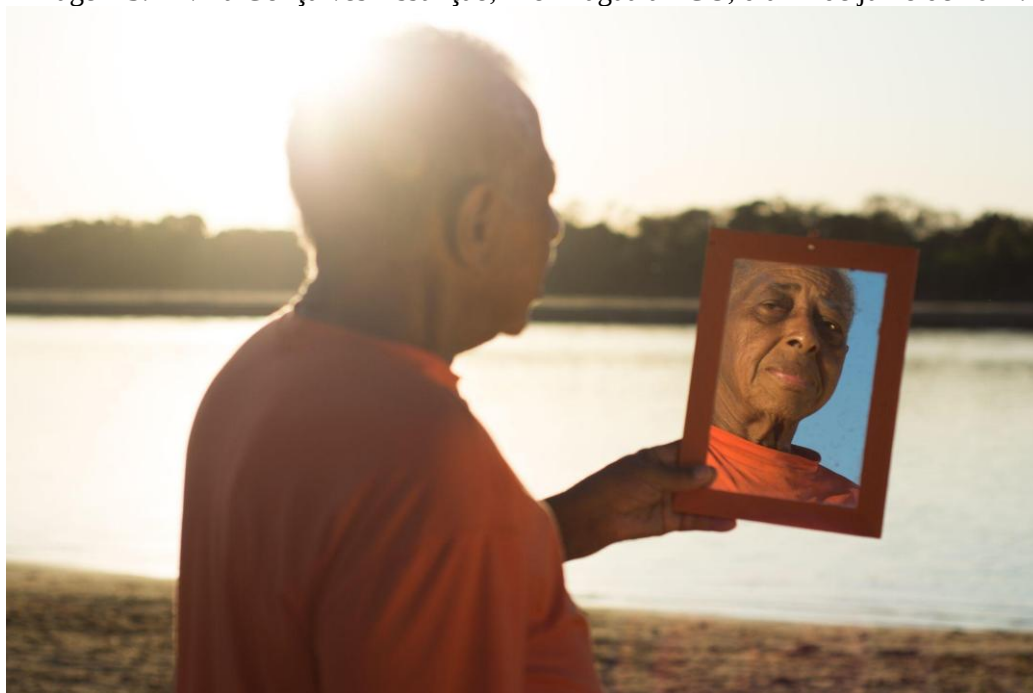
A ausência de objetos biográficos físicos não anula as memórias e a riqueza de detalhes que uma pessoa pode apresentar em sua narrativa. A responsabilidade de traduzir a forma como a pessoa quer ser vista, em formato final de imagem, é um dos desafios da carreira de um fotógrafo de retratos. O fotografado precisa se identificar com a fotografia, de forma que se sinta representado, seja a partir de sua imagem real ou imaginada. Para que seja possível a construção dessa fotografia, a pessoa precisa permitir ao fotógrafo

acesso a parte de sua intimidade, que acontece a partir da exposição de narrativas e da escuta atenta.

Para Kossoy (2007) a fotografia possui relação direta com as memórias e auxilia no entendimento de uma determinada sociedade. Em complemento, Le Goff (1990) considera esse acesso e entendimento da memória essencial para que seja possível uma reconstrução do passado, tanto em histórias individuais quanto coletivas.

A conversa em que Divina narrou a maneira que gostaria de ser fotografada aconteceu de forma natural e em local inesperado. Tia Dina havia sido hospitalizada em Goiânia por complicações em seu tratamento de câncer em meados de março de 2022. Fiquei como sua acompanhante durante um dia, revezando com outras duas tias minhas. Apesar do susto, tia Dina estava bem e com previsão de alta. Conversando sobre assuntos cotidianos, perguntei como ela se imaginava em uma fotografia, de forma que sentisse identificação quando olhasse para essa imagem. Esse foi o momento em que percebi que poderia representar parte de sua vida em uma fotografia a partir de seu imaginário, e construída em conjunto por nós. Assim desenvolvemos a imagem 3, na busca de representar sua realidade imaginada, que consideramos um retrato afro-fabulatório.

Imagem 3. Divina Gonçalves Assunção, Rio Araguaia - GO, dia 17 de julho de 2022.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Um dos fatores principais para que fosse possível construirmos essa fotografia (imagem 3), foi a permissão concedida pela tia Dina para que eu acessasse, - como pesquisadora, fotógrafa e sobrinha -, seu território íntimo (Rocha, 2015). Desenvolvi o termo “território íntimo” a partir da ideia de fotografia da vida íntima, de Charlotte Cotton (2010). A autora apresenta a importância do grau de intimidade quando se retrata a vida de uma pessoa, o que em estudos antropológicos visuais deve ser levado em consideração para que a representação dessas imagens seja condizente com as pessoas e/ou culturas ali fotografadas. Dentre as características que Cotton (2010) utiliza para classificar uma fotografia como da vida íntima, inclui registros pessoais genuínos e carregados de afetos, normalmente realizados em ambiente doméstico, retratando pessoas que amamos ou momentos significativos, que manifestam a vida emocional dos indivíduos.

Com a escuta atenta sobre como gostaria de se enxergar em uma fotografia, e acessando seu território íntimo, anotei as falas de tia Dina e procurei adaptar seu desejo à nossa realidade. Nessa imagem final (imagem 3), ela gostaria de estar de costas, próxima a um rio ou riacho, em um lugar que passasse a sensação de paz e plenitude, no momento de um fim de tarde. Como nossa família tem o hábito de acampar por 21 dias do mês de julho à beira do Rio Araguaia, no trecho localizado no município de Britânia (GO), e sabendo que é um local que tia Dina ama passar essa temporada, uni sua vontade à ideia de seu reflexo, representando a forma como ela se enxerga, incluindo um espelho no momento do registro.

Ainda segundo Cotton (2010), as fotografias da vida íntima carregam um “senso de urgência” pela vida, ou seja, existe uma necessidade de registrar pessoas e momentos importantes da relação entre fotógrafo e fotografado, como uma forma de eternização. Segundo a autora, é a forma como um fotógrafo, seja amador ou profissional, redireciona a linguagem de uma imagem doméstica para uma imagem pública. Ter acesso ao território íntimo de tia Dina me fez perceber a necessidade de incluir o espelho que aparece na imagem 3 como forma de mostrar seu rosto e seu olhar direcionados para a câmera fotográfica, aparecendo para o espectador como maneira de comunicar sua existência e identidade, já que ela queria ser retratada de costas e eu não queria contrariá-la.

Este retrato é construído a partir do conceito de afro-fabulação de Tavia Nyong'o (2018), que consiste no aparecimento daquilo que não foi suposto a aparecer, ou seja, foi colocado fora ou abaixo da representação. Se constitui, portanto, em uma possibilidade de reconstrução, de recriação dos registros perdidos da história da tia Dina. A fabulação,

retoma Deleuze e tem esse caráter criativo e se relaciona à memória, que aparece como uma iluminação para completar algo que falta. Contudo, Nyong'o o amplia para criar esse "o que falta" a partir das histórias e vivências de pessoas negras, que, muitas vezes, tiveram suas histórias não contadas ou, como dito, abaixo da representação.

Novamente, antes da realização da fotografia, tia Dina me perguntou se precisava se arrumar para realizar as imagens, e eu a orientei ficar o mais confortável possível. Dessa forma, ela decidiu continuar como estava vestida com uma camiseta de proteção UV laranja. Quando pensei na inclusão do espelho na imagem, logo me recordei desse espelho bastante tradicional do Brasil, que possui a borda laranja de plástico, e que há anos fica em nosso acampamento amarrado próximo a pia do banheiro. Com isso, a ideia era que, apesar dessa fotografia ter sido construída em conjunto por nós duas, utilizássemos objetos que remetem ao acampamento de nossa família e a simplicidade que ele carrega, sem que fossem inclusos objetos que não representassem tia Dina, a mim, ou à nossa família de forma afetiva.

Para conseguirmos incluir o pôr do sol no momento ideal na imagem, fiquei atenta ao céu para que não perdêssemos a oportunidade. Alguns minutos antes do sol estar na altura que eu gostaria, chamei tia Dina e a posicionei virada para o rio, ficando de costas para mim, tendo seu rosto iluminado pelo sol dourado do fim de tarde no rio Araguaia. Quando percebi ser o momento ideal, posicionei a câmera para que o sol ficasse no topo da cabeça de tia Dina, dando uma sensação de divindade iluminada, que é uma das formas que a enxergo.

Pedi para que ela olhasse para a lente da câmera através do reflexo no espelho de borda laranja e ficamos em silêncio por no máximo cinco minutos, que foi o tempo necessário para que alcançassem o objetivo final da fotografia. Desde o momento em que posicionei tia Dina até o final do último clique, chorei de emoção em silêncio, procurando fazer com que ela não percebesse e se preocupasse comigo. Quando a liberei da posição ela virou e viu minhas lágrimas e pediu desculpas por me fazer chorar, mas expliquei que estava chorando de amor e por poder ser a pessoa que estava contando parte de sua vida neste retrato. Um retrato afro-fabulado e feito a partir do nosso afeto mútuo.

Considerações Finais

A relação entre fotógrafa e fotografada é um processo complexo e repleto de variantes, levando em consideração que a primeira é: de que forma essa relação será

construída para que juntas possam desenvolver essa fotografia. Os três retratos não são feitos somente entre fotógrafa e fotografada, mas entre sobrinha e tia, nas quais as relações familiares e afetivas se confluem.

A percepção das ausências de fotografias de tia Dina levam a construção de dois primeiros retratos. O primeiro com os olhos abertos, que denotam a timidez e o desconforto em ser retratada. O segundo, com os olhos fechados, que fazem surgir as memórias e histórias contadas por ela.

Mas, uma imagem ainda falta. Fotógrafa e fotografada, neste momento, se põem a afro-fabular um retrato imaginado, que seria feito às margens do Rio Araguaia, vestida de camiseta de filtro UV laranja, segurando um espelho de borda laranja. O raios de sol batem no espelho, fazendo surgir o rosto de uma mulher negra com rugas, histórias e memórias.

Um retrato que surge pelo acesso ao território íntimo de Divina. Assim, é possível alcançar diferentes camadas e profundidades sobre a existência e a forma como essa mulher negra se entende, e gerar um retrato afro-fabulado, carregado de memórias, sensibilidade, humanidade e reconhecimento. E nessas relações, afetamos e somos afetados neste contato, como uma forma de atravessamentos de narrativas e imagens que dialogam, sejam elas estáticas, em movimento, físicas ou imaginárias.

Alguns meses depois do nosso último encontro, levei a fotografia para a tia Dina quando fui visitá-la na cidade de Goiás. Ao se ver na imagem sorriu e ficou feliz, agradeceu pelo registro e disse que guardaria sua fotografia com carinho. Com carinho também escrevemos este texto, para mostrar sua fotografia afro-fabulada.

Referências

ASSUNÇÃO, Divina Gonçalves. *Narrativas de vida da doceira*. 2021.

BARTHES, Roland. **O Império dos Signos**. Coleção Roland Barthes, Editora Martins Fontes, São Paulo, SP, 2007.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. Editora WMF Martins Fontes, 1ª Edição, São Paulo, 2010.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 2005. Original FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. In.: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8. p. 3-9.1990.

hooks, bell. **Talking Back: Thinking feminist, talking Black.** Boston: South End Press, 1989.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo.** Ateliê Editorial. Cotia, SP, 2007.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

NYONG'O, Tavia. **Afro-Fabulações: O drama Queer da Vida Negra.** New York: New York University Press, 2018.

ROCHA, Ana Terra Curado. **O território íntimo de Dona Silvia Curado.** Trabalho de conclusão de curso orientado pela professora Mestra Mariana Capeletti, defendido no ano de 2015 na Faculdade Cambury, hoje UniCambury, Goiânia-GO, 2015.

ROCHA, Ana Terra Curado. **As doceiras e sua prática cultural da cidade de Goiás: compreensão do corpo como mídia pela construção de Fotobiografias.** Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Comunicação pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM FIC UFG), orientação pela professora Dra Ana Rita Vidica Fernandes (PPGCOM UFG) e Co-orientação pelo professor Dr. Gabriel Ramos (PPGPC UFG), Goiânia, GO, novembro de 2022.